



### E as “provocações norte-coreanas”?<sup>1</sup>

Tony Andréani<sup>2</sup>

Embora quase sempre concorde com algumas considerações geopolíticas e geoestratégicas de alguns homens públicos, como Jean-Luc Mélenchon, creio não ser possível concordar com aqueles que simplesmente condenam as “provocações” norte-coreanas, em uníssono com todos os países ocidentais e dos meios de comunicação que se seguem. Por quê?

Não há dúvida que o sistema político norte-coreano contenha todas as características de um sistema stalinista (nomenclatura, cultura de personalidade, pensamento único, repressão de qualquer voz discordante, etc.), com mais corrupção. Mas, em matéria de ditadura, há muitos outros casos no planeta. E, sobretudo, não é aí que reside o problema.

A Coreia do Norte tem proposto repetidamente abandonar seu programa nuclear em troca de um tratado de paz com os Estados Unidos, que nunca foi assinado, pelo menos até agora, não só porque estes últimos queriam pôr fim ao regime dito “comunista” daquela Coreia, que é incapaz de servir aos interesses estadunidenses, mas também porque destes projeto sempre foi a reunificação da Coreia sob sua custódia e evidentemente o cerco militar da China e da Rússia. Se a Coreia do Norte quis salvaguardar sua independência nacional, depois nutrir uma verdadeira cooperação com a Coreia do Sul, talvez até caminhar em direção a uma reunificação sob a forma de uma Confederação (um estado, mas dois sistemas), ela não tinha escolha senão possuir uma arma nuclear e os vetores que poderiam torná-la credível.

Seu objetivo obviamente, não é atacar a Coreia do Sul, com a qual ela sempre formou uma mesma nação, nem o Japão, seja qual for o ressentimento poderoso que o povo da Coreia do Norte possa ter em relação ao Estado japonês, que o ocupou e escravizou no passado, a população coreana. Isto é ainda mais verdadeiro em relação aos Estados Unidos - contrariamente ao entendimento

---

<sup>1</sup> Tradução de Moira Rezende e revisão de Jorge Nóvoa. Embora escrito em setembro de 2017, este artigo ajuda a entender a atual situação da Coreia do Norte e a busca de sua aproximação com a Coreia do Sul.

<sup>2</sup> Graduado em filosofia (1958), Doutor em Estado em 1986, leciona em escolas secundárias antes de se tornar assistente e professor na Universidade de Paris-Nanterre. Nela ministra epistemologia das ciências humanas e sociais e filosofia política. Liderará por quatro anos uma equipe de pesquisa associada ao CNRS, fundada por Georges Labica, antes de ser nomeado em 1995 professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de Paris VIII da qual é agora professor emérito. Cf: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Tony\\_Andr%C3%A9ani](https://fr.wikipedia.org/wiki/Tony_Andr%C3%A9ani).



promovido pelo cenário estúpido do filme americano *Red Dawn*<sup>1</sup>, porque seu objetivo tem sido dissuadi-los de aposentar seu arsenal militar, destruindo preventivamente suas armas nucleares. Para isso, a Coréia do Norte teve que se equipar com meios que ameaçavam as bases americanas que poderiam ataca-la, meios estes que pudessem até mesmo atingir o próprio território americano.

Os Estados Unidos atuam há muito tempo no colapso econômico do regime e pensaram em promover isso através de uma série de sanções econômicas. Mas, apesar dessas sanções (repetidas desde 1953), a Coréia do Norte agora está experimentando um verdadeiro desenvolvimento, graças a uma liberalização parcial da economia (incluindo a autorização de um setor privado), mesmo que sua agricultura permaneça insatisfatória, em boa parte devido às condições naturais muito desfavoráveis. Portanto, não lhe restou outra opção além de procurar isolar seus inimigos e a intimidação frequente por instalações, e, sobretudo, a fabricação de armas (incluindo armas nucleares), além das manobras militares de grande escala perto de suas fronteiras.

Por conseguinte, acusar a Coréia do Norte de promover a guerra é um julgamento ruim. Por que, então, falar, como faz Mélenchon (e muitos outros) em certas ocasiões, "de agressões e atos que correm o risco de incendiar o mundo"? Na realidade, outras potências nucleares são muito mais perigosas, porque estão em situações mais conflitantes a nível regional. Este é o caso, do Paquistão, cujos laços com a Arábia Saudita são conhecidos. Estes regimes ditatoriais ameaçam ser mais "irracionais", enquanto um regime estalinista – como o da Coréia do Norte, tem, pelo menos, a seu favor, o mérito de durante a história da Guerra Fria ter se mostrado mais "racional". De fato, o que seria irracional seria que o poder norte-coreano fosse além daquilo que ele considera ser seu "seguro de vida"<sup>2</sup> e se envolva numa caracterizada agressão, ainda que através da utilização de armas convencionais. Nada indicia a possibilidade de se poder pensar assim. Por outro lado, seria outro erro trágico, uma loucura, forçar através das armas ao povo norte-coreano à se democratizar, como os Estados Unidos e os membros de sua coalizão fizeram no Oriente Médio. Hoje já se sabe, na verdade, que os motivos foram muito mais sórdidos. Cabe ao povo da Coréia do Norte emancipar-se.

Existe, pois, uma clara hipocrisia das principais potências nucleares em apoiar um tratado de não proliferação quando eles não reduziram significativamente

---

<sup>1</sup> Ler na página da Wikipédia informações sobre o filme e sua sinopse: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Red\\_Dawn\\_\(2012\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Red_Dawn_(2012))

<sup>2</sup> Seu arsenal nuclear, para ter serventia, tem que ter um caráter dissuasivo, exclusivamente e segundo um "bom senso".



seu próprio arsenal. Quanto a acusar a Coreia do Norte de haver denunciado a este tratado depois de assiná-lo, é necessário lembrar que ela própria propôs, sem que os países ocidentais aceitassem dar continuidade, à um desarmamento nuclear de toda a região, e que nem a Índia, o Paquistão ou Israel o assinaram, muito menos. Se a Organização das Nações Unidas desempenhasse plenamente seu papel, ela deveria ser tão exigente, com todos os outros países também, como quanto tem sido com a Coreia do Norte. E, para começar, exigiria a assinatura de um tratado de paz entre Estados Unidos e Coreia do Norte, que acabaria com as chamadas "provocações" deste último.

Paradoxalmente, a posse pela Coreia do Norte de um poder de dissuasão efetivo, pode ser talvez, uma única oportunidade para a paz, já que a presença militar dos Estados Unidos nas fronteiras do norte da China representaria um grande risco para esta paz. Além disso, a China alertou: deixou claro que, se a Coreia do Norte atacasse os Estados Unidos, permaneceria neutra, mas se fosse a situação contrária, interviria.